

A REVOLUÇÃO COPERNICANA NA PEDAGOGIA¹

THE COPERNICAN REVOLUTION IN PEDAGOGY

Sebastiana Aparecida Moreira²

DALBOSCO, Cláudio A. *Kant & a Educação*. Coleção Pensadores & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.101-119.

Introdução

Esta resenha tem como objetivo abordar questões pedagógicas do ponto de vista filosófico Kantiniano. Dalbosco (2011, p.101-119), aponta a revolução copernicana na pedagogia, no capítulo V do livro *Kant e a Educação*. O texto inicia reportando-se ao ponto de vista erudito, prenunciando o sentido entre o esclarecimento e a maioria. Dalbosco (2011, p.101), indica que para Kant, a maioria pedagógica é a principal forma de ligação entre esclarecimento (*Aufklärung*) e melhoria da espécie humana. Isto quer dizer que suas ideias especificamente pedagógicas conduzem-no à crença de que a educação poderá cumprir a tarefa de contribuir para o melhoramento humano, na medida em que proporcionar o desenvolvimento e a utilização mais adequada das disposições naturais da criança. Contudo, para que a educação possa fazê-lo, necessita ser construída por uma parte física: desenvolvimento do corpo e sentidos e uma parte prática, a saber, desenvolvimento cognitivo e moral do ser humano.

Considerando a importância dessas relações o autor pontua a influência de Rousseau nos pensamentos de Kant, elucida o núcleo da revolução copernicana e trata do projeto educacional de Kant.

Herança rousseauiana: a invenção moderna da infância

Dalbosco (2011, p. 102), aponta para a ideia de que se Kant não lesse, *Émile*,³ talvez tivesse permanecido em grande parte um profundo escolástico em matéria de educação. Sob essa óptica, *Émile* proporcionou a Kant, inúmeras críticas ao intelectualismo pedagógico reinante na época. Rousseau fora muito transparente no seu descontentamento em relação aos métodos educacionais mecânicos baseados em decoreba e memorização, o que para ele, tornava a educação enfadonha e desinteressante. Rousseau

¹ Capítulo V do Livro Kant & Educação de Cláudio A. Dalbosco, 2011.

² Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo - RS. tianinharv@yahoo.com.br

³ *Émile* é uma das principais obras de Rousseau. O *Émile* compõe-se de cinco extensos livros, visa contemplar o desenvolvimento sensitivo, cognitivo e moral do homem.

rejeita firmemente a educação livresca que pretendia encher a cabeça das crianças com conceitos abstratos, que terminavam por desrespeitar o mundo delas (DALBOSCO, 2011, p. 103).

Desta forma, se os educadores quisessem realmente conhecer e respeitar o mundo das crianças, eles deveriam tomar como ponto de partida, sua organização corporal e sua estrutura sensitiva. Em análise convergente a essa posição rousseauiana, está à tese antropológico-epistemológica de que a criança antes de ser racional é sensível e constrói suas relações com o mundo em primeiro lugar pelos sentidos e só progressivamente desenvolve sua estrutura cognitiva. Paralela a esta tese, Rousseau desenvolve sua crítica social, mostrando como a sociedade adulta corrompe e “estraga” as crianças, ao impor seus vícios e maus costumes (DALBOSCO, 2011, p.103).

Revolução copernicana: a ideia do sujeito ativo pedagogicamente

Dalbosco (2011, p. 105), atenta para o fato de que, a revolução copernicana desencadeada no âmbito do conhecimento consistiu contrariamente ao realismo ontológico, em fazer girarem em torno da razão, posicionando, deste modo, o sujeito no centro de sua relação com o mundo. A partir dessa revolução na maneira de pensar, Kant propõe desenvolver sua teoria da constituição subjetivo-transcendental do mundo objetivo, onde o sujeito constrói o mundo de sua experiência possível, passando da mera posição de espectador para a de sujeito ativo.

A revolução iniciada por Rousseau contribuiu para a filosofia crítica de Kant, que repousa em três críticas, que dizem respeito ao sujeito do conhecimento; ao sujeito da ação e ao sujeito do sentimento pelo belo e pelo sublime. Sendo várias as implicações pedagógicas resultantes desta revolução. Em oposição ao predomínio do intelectualismo pedagógico, Kant volta-se abertamente na *ÜberPädagogik*⁴ (WEISSKOPF, 1970), a qual se crê geralmente que não é necessária experiência em educação, podendo julgar unicamente com a razão, se uma coisa é boa ou má. Em análise divergente, a experiência nos ensina que esses intentos, produzem de fato efeitos opostos àqueles que esperávamos. Nesse sentido o conteúdo da passagem estabelece de modo seguro à insuficiência da razão, nos assuntos educacionais e concomitantemente a importância de considerar a experiência. No universo da educação infantil, o modo mais eficaz de tomar a experiência como referência é a concentração sobre a organização corporal da criança e sua respectiva estrutura sensitiva. Assim, a aprendizagem torna-se realmente

⁴ Sobre a Pedagogia.

eficaz quando o educando aprende por si mesmo, a partir de sua experiência inserida no âmbito do fazer.

A revolução copernicana proporciona a posição de sujeito cognoscente ativo na maneira de pensar e resulta na posição ativa do educando no âmbito pedagógico, como alguém que aprende verdadeiramente na medida em que tiver as condições pedagógicas próprias para que possa construir por si mesmo, os conteúdos de sua aprendizagem. Nesta perspectiva a revolução pedagógica moderna, tanto para Rousseau, como para Kant, possibilita a abertura de possibilidades antes impensadas nos marcos da pedagogia escolástica, para que o educador esteja aberto para aprender e o educando aberto para ensinar. Dessa reciprocidade na relação pedagógica repousa a desverticalização do autoritarismo pedagógico reinante no pensamento educacional contemporâneo (DALBOSCO, 2011, p. 107).

Inversão metodológica: do primado do intelecto ao predomínio dos sentidos

Dalbosco (2011, p.107), sublinha que a partir da reviravolta pedagógica, o sujeito deixa a zona de conforto onde apenas se ajustava passivamente ao conteúdo ministrado pela escola e vê-se na condição de responsável pela construção do seu conhecimento, partindo da sua própria razão observando sua capacidade de julgar.

Para Dalbosco (2011, p.107), o filósofo Kant defende o princípio metodológico central da educação natural, de que a criança só pode alcançar a condição de pensar por si mesma se for compreendida no próprio mundo, ou seja, ser compreendida como um ser sensitivo antes de ser racional. Dessa forma, o ponto de partida metodológico da educação natural, inicia-se pelos sentidos, o inverso à pedagogia memorizadora que se inicia pela formação dos conteúdos. O que, para uma época movida pelo esclarecimento, não seria possível aceitar que as crianças fossem tratadas como adultos em miniatura, devendo sim ser educadas para superar a condição de menoridade. Segundo o entendimento de Kant, cabe ao educador iniciar seu percurso didático com a criança partindo da educação natural perpassando pela educação moral sendo precedida pela educação física (DALBOSCO, 2011. p. 109). Desse modo, a pedagogia contribui satisfatoriamente para a aproximação da condição humana e ao ideal de humanidade quando elege a criança como um ser mais sensível do que racional, iniciando assim a educação infantil pela educação física.

Educação física: a pedagogia do cultivo dos sentidos

A educação física precisa desenvolver um tratamento adequado na relação dos adultos com o bebê, evitando acostamá-los mal já desde seus primeiros dias de vida. Kant elucida um aspecto nuclear da educação física, onde exemplifica que quando os bebês choram para conseguir seus caprichos e o adulto cede, essa relação de domínio se perpetua no desenvolvimento dessa criança. Além das necessidades das crianças como o choro, a fome, o sono e a locomoção motora, o adulto possui a difícil tarefa de identificar o que é fantasioso nas manifestações, procurando atendê-las de modo sereno e natural, sem viciá-la em seu caráter.

Cabe ao educador não “arruinar” as disposições naturais da criança não se deixando dobrar à sua vontade despótica. O educador que desrespeitar a liberdade da criança, transformando-a num simples objeto de seus sonhos ou desejos, certamente estará adestrando-a, mas jamais lhe oferecendo educação (DALBOSCO, 2011, p. 109).

Considerar o vínculo entre teologia natural e liberdade, não apressar o desenvolvimento da criança, querendo que ela fale ou ande antes do tempo, consiste em descobrir e respeitar o tempo de maturação necessária que diz respeito a cada criança. Observar as regularidades, característica da educação física imposta pela própria natureza humana, na primeira infância, revela ao educador um guia eficiente na educação da criança. Por sua vez, o educador deve recorrer a vários exercícios físicos, preferencialmente os que conduzem a criança exercitar sozinha. Enfatiza-se o jogo e a brincadeira como recursos pedagógicos mais eficientes, tanto para o fortalecimento do corpo, quanto para o refinamento dos sentidos. Dalbosco (2011, p. 110), apresenta que Kant e Rousseau acreditam que o ser humano que fora capaz, na infância de fortalecer adequadamente seu corpo e refinar seus sentidos, obtém melhores condições de desenvolver sua inteligência e formar moralmente seu caráter.

Educação prática: a pedagogia do cultivo autônomo da inteligência

Conforme analisa Dalbosco (2011, p.113), nem Rousseau nem Kant pensam de modo mecânico e não estabelecem distinção rígida entre educação física natural e educação prática moral. Concebem-nas vinculadas e dependentes uma da outra. Aponta que o núcleo da educação física consiste no fortalecimento do corpo e no refinamento dos sentidos, relegando a educação prática se ocuparem inteiramente com a capacidade cognitiva do

educando. Neste sentido, objetivando o desenvolvimento de suas forças racionais, preparando o ser humano para fazer uso do próprio entendimento.

Dalbosco (2011, p. 113), alicerçado em Kant, justifica sua filosofia prática onde somente o ser humano que for capaz de pensar por conta própria, estará em condições de tomar a lei moral como sua obrigação. Kant reserva à educação prática o papel de cultivo aprofundado da alma, enquanto a educação física refere-se diretamente à natureza e deixa-se orientar inteiramente por ela, a educação prática moral depende da liberdade. Segundo o entendimento de Kant existem forças racionais importantes como o entendimento, a razão, a memória e a imaginação precisando ser exercitadas e cultivadas para serem desenvolvidas. Contudo, o entendimento dessas forças repousa no sentido para o desenvolvimento do raciocínio da criança. De acordo com Dalbosco (2011, p. 115), para Kant e Rousseau a ruptura do intelectualismo pedagógico de sua época levou-os a apostar na eficiência pedagógica do jogo e da brincadeira para a construção progressiva da estrutura cognitiva da criança. Em suas preleções *ÜberPädagogik*, Kant afirma que a principal regra, é não desenvolver separadamente uma força do espírito, força de ânimo por si mesma, mas desenvolvê-la levando em conta as outras como imaginação a serviço da memória (DALBOSCO, 2011, p. 117). Deduz-se que a formação integral dos diferentes tipos de racionalidades humana é condição da própria formação moral.

Educação como ideia e o pedagogo como cidadão do mundo

Dalbosco (2011, p.118), infere que para Kant o progresso maior ocorre no âmbito da espécie, e não do indivíduo. Desse modo, Kant compreende a educação com base na relação entre o ser humano e a humanidade, ou seja, compreende a educação como passagem permanente entre o que o homem é, e aquilo que pode ser. A educação realiza esse trabalho da passagem no âmbito infantil, quando por meios de cuidados pedagógicos do adulto, propicia a criança o domínio da própria animalidade, elevando-a a condição de indivíduo-cultura, de cidadão-civilização e de humanidade-moralização. Entretanto por forçar pedagogicamente e progressiva a passagem, é que a educação atua a favor do melhoramento do indivíduo e da espécie. Cabendo ao educador assumir o papel de guia e governante, provocando nas novas gerações a passagem do que são para o que podem ser visando sempre ao bem em si mesmo.

Considerando o exposto Dalbosco (2011, p.119), conclui que a condição indeterminada e pertencente à espécie humana permite ao

educador, adotar uma visão cosmopolita, mesmo que seja idealista. Assim almejamos procurar o homem na criança, e compreender como ela é, ou seja, na especificidade de seu desenvolvimento infantil, crucial à sua formação moral adulta.

Data de recebimento: 10.05.2013

Data de aceite: 26.07.2012